

## Ressocialização de Apenados: Eficácia e Obstáculos

**Prof. Dr. Mário Medeiros  
Thyale de Vasconcelos Velozo  
UPE-Faceteg**

**Resumo:** A ressocialização eficaz de apenados é de grande interesse para a política de combate à criminalidade e é um desafio para os criminologistas e para as autoridades responsáveis pela segurança, porque os patamares alcançados pela violência no Brasil tornaram-se incompatíveis com a índole cristã, cidadã e com o desejo de progresso e de melhoria sustentada da qualidade de vida da sociedade brasileira. Na pesquisa que resultou neste artigo nos propusemos, a partir do conceito de ECRO (Esquema Conceptual, Referencial e Operativo), de Pichón-Rivière (1977) a tarefa de identificar os conceitos referenciais que orientaram a conduta anti-social de um grupo psicoterápico operativo de 25 apenados do CRA (Centro de Ressocialização do Agreste). Buscamos compreender melhor o fenômeno da conduta anti-social para promover uma reconfiguração na estrutura cognitiva desses apenados. Contribuíram também para a fundamentação teórica do nosso trabalho a ênfase dada por Winnicott (1999) ao relacionamento primário no desenvolvimento humano e a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (1980). O trabalho foi realizado através de uma abordagem de cunho qualitativo e sob a forma de pesquisa – ação. É relevante notar que os participantes do grupo operativo ao exporem suas experiências e conflitos, possibilitaram uma abertura para o novo, e assim pudemos vislumbrar a promoção de mudanças de significados, em prol do desenvolvimento sadio, algo imprescindível para a orientação do comportamento socialmente aceito. A intervenção no plano cognitivo possibilitou uma percepção mais nítida das facilidades e obstáculos na tarefa de reconfiguração do ECRO, mostrando que o enfoque utilizado foi efetivo apresentando resultados promissores para a ressocialização em um menor espaço de tempo, algo que seria inviável se o trabalho fosse orientado somente para o plano afetivo dos apenados.

**Palavras-chaves:** Ressocialização, ECRO, Apenados.

### ABSTRACT

*The effective re-socialization of offenders is of great interest to the policy of combating crime and is a challenge for criminologists and authorities responsible for security, because the levels achieved by violence in Brazil became incompatible with Christian character, citizenship and with the desire for progress and sustained improvement in quality of life of Brazilian society. In the research that resulted in this article we have proposed, based on the concept of ECRO (Scheme Concept, Reference and Operation) of Pichon-Rivière (1977) the task of identifying the reference concepts that guided the conduct of an antisocial group psychotherapy operating 25 inmates of the CRA (Centro de Ressocialização do Agreste). We seek to better understand the phenomenon of anti-social behavior to promote a reconfiguration in the cognitive structure of those inmates. Also contributing to the theoretical foundation of our work the emphasis given by Winnicott (1999) to the primary*

*relationship in human development and meaningful learning theory of Ausubel (1980). The study was conducted through a qualitative approach and the form of action - research. It is worth noting that participants in the operative group to present their experiences and conflicts, allowed an opening for the new, and we could glimpse the promotion of changes in meaning, in favor of healthy development, something essential for the guidance of socially acceptable behavior.*

*The intervention at the cognitive level has enabled a clearer perception of the facilities and obstacles in the task of reconfiguring the ECRO, showing that the approach used was effective, showing promising results for the rehabilitation in a shorter space of time, something that would be impossible if the work was oriented only for the affective of convicts.*

**Keywords:** *Resocialization, ECRO, Inmates*

## 1- Introdução

A criminalidade tornou-se um problema que beira a calamidade na vida da sociedade brasileira. Sendo assim compreender o que se passa na mente dos indivíduos que trilham esse caminho sempre foi e será um trabalho árduo.

As chamadas penas alternativas, que o sistema penitenciário brasileiro tem utilizado visando a ressocialização de indivíduos apenados, não têm dado os resultados na escala que delas se esperavam.

Para Mirabete (2000, p.47),

O modelo ressocializador propugna pela neutralização, na medida do possível, dos efeitos nocivos inerentes ao castigo; sugere uma interação positiva do condenado, habilitando-o a integrar a sociedade de forma positiva. Segue em seus ensinamentos que este processo inicia-se com a aproximação do indivíduo às exigências e as regras sociais, observando as transformações qualitativas que vai além da conformidade formal dos valores sociais, ou seja, desenvolvendo uma autêntica convicção moral de acatamento interno.

Acatando essa orientação o trabalho realizado foi de natureza qualitativa e se deu sob a forma de pesquisa - ação.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os

participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1985:14).

A equipe de pesquisa foi composta por três estudantes de Psicologia do 6º período, por uma Psicóloga do CRA e pelo orientador da equipe, Doutor em Ciências da Educação. O objeto de estudo foi um grupo heterogêneo a princípio constituído por 25 apenados, que foram selecionados a partir do tipo de delito que cometeram. Excluiu-se desse grupo os apenados por assaltos. O grupo foi esclarecido dos objetivos da pesquisa e da situação profissional e acadêmica dos membros da equipe.

Antes dos encontros com os apenados a equipe de pesquisa reunia-se para discussão de textos e providências sobre o andamento do projeto. Basicamente apresentávamos ao nosso orientador e restante do grupo de pesquisadores os dados coletados no encontro anterior bem como nossos anseios e dificuldades. Em seguida analisávamos possíveis propostas de temas a serem discutidos e estratégias a serem aplicadas nas reuniões seguintes com os pesquisados.

Vale salientar que no início dos nossos encontros com os apenados utilizamos MP4 para gravar as falas durante as reuniões, no entanto, não deu certo dado o barulho que fazia no local dificultando assim a prescrição das falas de maneira sucinta. Inicialmente, os estudantes somente transcrevíamos as falas dos indivíduos e da psicóloga co-orientadora deste projeto, porém foi sentida a necessidade tornada manifesta pelo orientador da pesquisa e de os estudantes, intervirem com voz nas reuniões do grupo operativo, desde então os estudantes começaram a se expressar nas mesmas fazendo intervenções quando julgavam necessárias.

Provocar abertura para o diálogo foi a principal estratégia que utilizamos. Platão já dizia que pensar é conversar com um tema, penetrando-o, é o diálogo da alma consigo mesma... Pensar é uma fala que a alma realiza sobre o que se quer investigar... O pensamento se dispõe por sua própria essência, a poder dialogar com os outros... O monólogo já é uma forma de diálogo. (Binswanger, 1973, citado por Forghieri, 1993, p.33)

Os dados foram coletados durante a Psicoterapia de Grupo utilizando a noção de grupo interno desenvolvido por Pichón-Rivière (1977). Este nada mais é que a forma como o indivíduo percebe a sua família e isto se manifesta no vínculo transferencial. O grupo interno

é o cenário em que são recriados objetos, relações e outros vínculos provenientes do grupo familiar.

## **2 – Dados e Resultados**

No ambiente propiciado pelo grupo interno, baseado-nos no método aqui – agora – comigo e na tarefa de grupo, foi possível identificar o porta-voz do Grupo. Este na condição de depositário de todas as angústias, ansiedades e patologias que circulam no espaço familiar verbalizou partes significativas dessas vivências no espaço grupal. Mapeando os relatos dos indivíduos pesquisados, encontramos os elementos fundamentais que resultaram na identificação do Esquema Conceptual Referencial Operativo – ECRO do Grupo objeto de nosso trabalho. “Em síntese, um esquema conceitual referencial operativo – ECRO, é um conjunto organizado de conceitos universais que permitem uma abordagem adequada da situação concreta a pesquisar ou a resolver.”(Pichón-Rivière, 2005, p.250). No caso do Grupo estudado esses conceitos foram; Família, Homem, Honestidade, Lealdade, Responsabilidade, Virilidade e Orgulho

A partir do ECRO, foram utilizadas estratégias de desequilíbrio através de conflito cognitivo, visando desestabilizar valores e crenças nocivas ali arraigadas e neutralizar ansiedades e angústias vinculadas a elas. Desse modo conseguimos estabelecer uma relação de causalidade dialética entre a estrutura e a dinâmica da conduta do porta-voz e dos demais participantes manifestadas enquanto indivíduos e as ansiedades, angústias e patologias do grupo operativo (Pichón-Rivière (1977).

A temática FAMÍLIA surgiu como âncora do ECRO dos apenados, uma vez que o ambiente no qual o indivíduo está inserido exerce importante influência no processo de construção e desenvolvimento do sujeito.

Os laços familiares afetivos são provavelmente os traços mais marcantes, isto porque a família é a primeira instituição social com o qual o ser humano tem contato no primeiro momento de sua socialização (educação), é, portanto, a estrutura essencial para a transmissão de valores necessários à sobrevivência na sociedade.

Para Winnicott (1979) cada ser humano traz um potencial inato para amadurecer, para se integrar, porém o fato de essa tendência ser inata não garante que ela realmente vá se transformar em realidade. Isto dependerá de um ambiente social facilitador que forneça cuidados suficientemente bons. No início da socialização esse ambiente é essencialmente constituído pela família sendo a mãe o principal agente desse processo.

Segundo Minuchin (1990), a família é uma unidade social que atua em uma série grande de tarefas de desenvolvimento. Embora cada cultura apresente incontáveis variáveis em todas elas a família assume papel de grande importância se constituindo como uma instituição de raízes universais. Essa importância deriva do fato de que a estrutura familiar se impõe como um conjunto invisível de exigências funcionais que terminam por configurar a maneira através da qual seus membros vão pensar e agir.

Partindo desses pressupostos foi pedido aos participantes da pesquisa que conceituassem a família. De um modo geral eles disseram que “família é companheirismo, amor, o esteio que nos apóia, paz, felicidade e esperança”, porém quando confrontados com os questionamentos “como se sentem em relação aos seus familiares”? Conte-nos algo de bom ou de ruim que lhe marcou na convivência com familiares? As falas tomaram outra direção. Verificou-se que para a quase totalidade dos apenados os bons conceitos com que descrevem a família tornaram-se epistemofílicos. Ou seja, dado o ambiente sócio-cultural em que vivem, aparecem também como causa de condutas anti-sociais e não somente como constituintes de um ambiente acolhedor e construtor de desenvolvimento sadio. Os depoimentos seguintes são indicativos dessa distorção.

[...] Só tem uma coisa que me faria cometer homicídio, se mexerem com meus filhos. [...] Se um cabra meter um tapa na minha mãe, não penso duas vezes não. É como se dessem uma facada em mim. [...] Um primo meu, deu uma tapa na minha mãe que sangrou, antes de eu vir para o semi-aberto e ela me pediu para não fazer nada. Mas fica uma coisa na minha cabeça, se tivesse presente não tinha escutado ela não [...] Tinha dado um monte de tiro nele [...] (Gb)

Aqui o amor pela mãe conduz ao sentimento de vingança como meio de lavar a honra manchada por uma agressão.

[...] Meu pai me botou para fora de casa, eu tinha sete anos, isso foi muito forte, nunca faria isso com um filho [...] Ele estava embriagado. Brigava com mãe dizendo que eu não era seu filho. Certo dia no bar lá de casa mesmo, a noite ele entrou feito um catimbozeiro, pegou uma mesa e pediu para eu comprar velas, acendeu oito maços. Ele falou: - Aquele que for meu filho pegue uma vela dessas. Eu estava dormindo. Meus irmãos pegaram aí minha mãe me acordou me botou sentado, quando me sentei, dormi de novo. Aí meu pai, me jogou, como se joga um objeto, me pegou e jogou- me por cima da porta, isso me machucou muito, foi muito brutal. Um dia vou dizer umas verdades a ele, isso me machuca, dizem que homens não choram, mas quando tocam no assunto assim, é forte [...] (Sv)

Nesse caso esse “dizer umas verdades a ele” pode resultar em agressão física de ambas as partes uma vez que na tradicional cultura nordestina um filho deve obediência cega ao seu pai independentemente da conduta deste. Ou seja, um pai não deve tolerar censura da parte de um filho sem que o coloque no seu devido lugar, o que significa exigir respeito através de uma retratação consentida ou forçada.

A noção de honra aparece em nosso estudo como um dos mais conceitos epistemofílicos, isso porque, para permanecer uma pessoa honrada é necessário muitas vezes a adoção de uma conduta anti-social violenta. Veja como termina esse depoimento.

[...] O motivo de falar essa historia, era por causa do meu pai. Ele tomava um álcool, parecia um alambique, deu duas pizas na minha mãe, tentou me matar, ainda lembro do voou, eu tinha 3 anos; Ele tinha de tudo e eu não podia ter nada, tinha que almoçar em outra casa, eu via os meninos com brinquedos, e eu não tinha nada. Eu ia para lá, continha minha vontade, não me sentia filho dele. Eu fui para praia, fui dar a mão a ele, ele disse que não dava a mão para maloqueiro, eu não sabia nem o que era isso. Outro dia foi para o shopping, pedi um picolé, ele não me deu, eu disse a minha vó que não me sentia da família [...] Eu fiquei insistindo em ter o amor de pai, mais nunca tive [...] Não tive infância com ele. Aprendi a não pegar as coisas dele, nem abrir a geladeira, nunca desisti dele, até essa segunda decepção [...] Consegui meu segundo emprego, numa distribuidora de carne. Era muito longe e não dava para chegar ao emprego no horário certo. Meu pai morava perto desse trabalho, aí pensei: Meu pai mora perto, já to arrumado [...] Meu pai disse: Não dar para você ficar na minha casa não. E eu calado, aí perguntei por quê? Ele disse você é problemático, não quero problemas pra mim. Aí falei: Mas é só um mês. (Deu um entalo tão grande na minha garganta.) [...] Aí pensei se não sou filho dele, sou um estranho, e vou agir assim. Quando cheguei na casa dele bati chamando. Quando ele me atendeu, já foi dizendo: - Chegou cabra safado? Aí falei pra ele, nunca mais você vai me ver, dei-lhe um murro e fui embora. Para mim ele está morto. Quem tem seu pai dê valor a ele, se ele der valor a você [...] (Gb)

A possibilidade de agressão física que aparece no depoimento do apenado anterior se confirma no depoimento deste apenado, conduta aliás já constatada e explicada pela literatura especializada. Por exemplo, para Winnicott a delinquência está associada à perda emocional precoce. Para preveni-la as figuras parentais têm o dever de estabelecer, no seio da família,

um ambiente capaz de promover a saúde física e psíquico-emocional dos filhos e dos demais membros (WINNICOTT apud ABRAM, 2000).

Portanto, esses fatos parecem não deixar dúvidas a respeito da importância do papel da família na estruturação da personalidade desses apenados e da transformação de valores familiares em conceitos epistemofílicos, bem como da importância desse tipo de conceito na configuração da conduta e comportamento social deles.

Uma outra noção que se tornou epistemofílica na cultura dos apenados em estudo foi a de homem. Para eles ser homem “é ser o espelho para a mulher e filhos, é ser o esteio, é ter caráter, é ter moral, é ser o cabeça, o que segura tudo. O homem é orgulhoso não leva tapa na cara de ninguém, não tem medo nem covardia. Homem que é homem não dar o braço a torcer”.

É possível afirmar que as condutas implícitas nesses valores atribuídos ao que é considerado “ser homem” geram, no atual contexto, imensas dificuldades sociais para serem vivenciadas e, ao mesmo tempo, dado a sua importância no imaginário nordestino, se fazem acompanhar de uma fortíssima resistência a mudança. (Pichón-Riviéri, 2005, p.274)

É importante pontuarmos também que em determinadas circunstâncias a presença do álcool tornou-se estimulador para uma conduta desviante dos nossos apenados, uma vez que parte significativa deles afirmaram em suas falas ter ingerido esta substância momentos antes de cometerem o delito ou crime que os levou a cadeia.

[...] Fui preso fazia 10 min. que tinha dado três tiros no cara, tinha bebido uma cerveja. Então o álcool me destruiu, minha família toda bebe. Tenho um tio alcoolista. (Gb) [...] Tinha bebido na hora. (At.) [...] Bebi sim, não no momento, mas havia bebido. (Sev) [...]. [...] Eu bebia e bebo. Bebo pouco. Eu aprecio gosto do vinho. [...] Nunca aconteceu de ficar aborrecido, só quando aconteceu isso comigo, que me aborreceram e estava bebendo. Eu e dois amigos estávamos parando de beber e queria que eu pagasse mais bebida, eu não queria porque iria trabalhar aí ele veio me agredir e aconteceu o que aconteceu. [...] (Ed).

Segundo Pichon-Riviere (2005) todo comportamento desviado surge de um transtorno de aprendizagem (ou socialização) que leva a uma visão distorcida da realidade. Se assim é só haverá mudança de atitude ou comportamento se houver uma reaprendizagem que seja reparadora da distorção anteriormente produzida, pois ela, de algum modo, está na base do comportamento desviante.

No nosso trabalho partimos do pressuposto que a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (1980) poderia se transformar numa ferramenta eficaz na reparação de

aprendizagens distorcidas que operam através de conceitos epistemofílicos. A aprendizagem significativa pode ser entendida como um processo por meio do qual uma informação nova pode se relacionar com um aspecto especificamente relevante da estrutura de conhecimento já existente no indivíduo produzindo mudanças de sentidos na sua visão de mundo. Trata-se de um processo que envolve a interação da nova informação com um conhecimento específico existente na estrutura cognitiva do indivíduo, ao qual Ausubel chamou de conceito *subsunção* (p.153). Na aprendizagem significativa, o conhecimento anterior (*subsunção*) irá modificar a informação nova e modificar-se com sua presença.

Orientando-se por essa teoria o propósito principal do nosso grupo operativo passou a ser produzir essa mudança. É claro que o nível de mudança a ser conseguida dependerá dos indivíduos que estão em tratamento ou em aprendizagem. Trata-se de uma adaptação ativa à realidade. Nessa adaptação o sujeito modifica-se a si mesmo, ao mesmo tempo em que modifica o meio, numa integração dialética transformadora.

Os resultados dos nossos esforços começaram aparecer no momento em que os participantes ao final dos oito encontros programados e realizados quando perguntados “o que mais marcou no nosso trabalho? Em que o grupo ajudou vocês?” responderam:

[...] A primeira reflexão de vida, saber quem é a pessoa em si, pensar o que fez ou fazer, quem sou eu. Isso marcou [...]. Me fez criar confiança, e não ficar com medo de ir para fora do presídio, quando falamos em preconceito, eu tinha preconceito comigo mesmo. Hoje, faço mais planos. [...] Eu vejo a minha mudança, minha autoconfiança. Eu estou confiando em mim lá fora. Quando saio de pernoite, não saio da casa para não dar motivos de levar um tiro, minha mulher percebeu que seu estava mudado, eu não tinha planos para o futuro [...] A partir do momento que eu vim para o grupo algo me tocou, escutei uma palavra do colega do grupo que disse: “O cara tem de ter medo de morrer, mas de enfrentar a vida, não”. Não posso baixar a cabeça. Eu soube escutar as palavras. Eu tinha coragem de ajudar um amigo até na faca. Mais a minha própria vida não. A minha autoconfiança estou conseguindo passar para minha família [...] Não foi bom fazer uma retrospectiva de mim mesmo, mas me ajudou muito. Hoje em dia paramos para pensar [...] (Gb)

[...] Ficou muitas coisas, mas o que me tocou foi sobre a família e sobre preconceito. Como nós não saímos daqui ainda, ficamos pensando que não vamos ter chances. E isso às vezes ajuda a voltar para o crime. Mas temos que levantar a cabeça, pedi a Deus para nos ajudar a construir uma família. Hoje tenho forças para enfrentar a vida saindo daqui. Atribuo ao grupo. Também a pergunta: o que é ser homem? Eu gostei muito, pois para mim é ter caráter e não baixar a cabeça [...] (Eq)



### 3 - Conclusão

Através desta pesquisa pudemos identificar possíveis causas que levaram indivíduos a cometerem delitos ou crimes abrindo espaço para reinserções bem sucedidas na sociedade. Para tanto, usamos estratégias que promovem mudanças fazendo pontes entre a comunicação, o esclarecimento e a (re) aprendizagem, fortalecendo o EU do sujeito tornando assim possível uma adaptação ativa à realidade através da aprendizagem de novos valores e motivos apropriados à vida social definida como normal. Esperamos que esse processo reduza drasticamente os índices de reincidência nos tipo de delitos e crimes em que incidiram os apenados estudados. Entendemos que através dos procedimentos que utilizamos foi possível dar voz à existência deles possibilitando que cada um expressasse a totalidade do seu ser e não apenas a dimensão de alguém que se enxerga como punido, muitas vezes anulado e sem perspectivas.

### Referências Bibliográficas

- ABRAM, Jan. **A linguagem de Winnicott**: dicionário de palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- AUSUBEL, D.P, NOVAK, J.D e HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980.
- FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica. fundamentos, método e pesquisas**. São Paulo, Pioneira. 1993.
- MIRABETE, Julio Fabbrini. **Processo Penal**. São Paulo, Atlas, 2000, 18a. Edição
- MINUCHIN, S.. **Familias y terapia familiar**. Barcelona: Gedisa, 1990.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa ação**. São Paulo. Editora Cortez, 1985.
- WINNICOTT, D.W. **Privação e delinquência**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O ambiente e os processos de maturação**. Ed Artes Médicas Sul, Ltda, Porto Alegre, RS, 1979.